

tradução

**TRÊS CONTOS DE FICÇÃO-
CIENTÍFICA DE KETTY
STEWARD, AUTORA
MARTINIQUENSE, EM
VERSÃO BILÍNGUE
FRANCÊS-PORTUGUÊS
*THREE SCIENCE-FICTION
SHORT STORIES BY KETTY
STEWARD,
MARTINIQUAN AUTHOR,
IN BILINGUAL VERSION
FRENCH-PORTUGUESE***

**Ketty Steward¹
Ana Cláudia Romano Ribeiro²
Renata Lopes Tavares³
Claire Silva de Souza⁴
Ghustavo Muniz de Camilo Silva⁵**

1 Doutoranda em Psicologia na Universidade de Paris 8, Paris, França. E-mail: ktsteward@gmail.com.

2 Doutora em Teoria e História Literária, com pós-doutorado na área de Letras clássicas pela Unicamp. Professora no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: acrribeiro@unifesp.br.

3 Graduanda em Letras/Português-Francês na Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, Brasil. E-mail: renata.tavares@unifesp.br.

4 Graduanda em Letras/Português-Francês na Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, Brasil. E-mail: claire.silva@unifesp.br.

5 Graduando em Letras/Português-Francês na Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, Brasil. E-mail: ghustavo.muniz@unifesp.br.

RESUMO: Apresenta-se aqui a tradução para o português brasileiro de três contos de ficção científica de Ketty Steward, autora de língua francesa nascida na Martinica, em 1976: *HeLa est là* (“HeLa está aqui”), *Le silence des algos* (“O silêncio dos algoritmos”) e *Six faces d’un même cube* (“Seis faces de um mesmo Cubo”).

PALAVRAS-CHAVE: Ketty Steward, ficção científica em francês, Martinica, utopismo

ABSTRACT: It is presented here a Brazilian Portuguese translation of three science fiction short stories by Ketty Steward, a French-language author born in Martinique in 1976: *HeLa est là* (“HeLa está aqui”), *Le silence des algos* (“O silêncio dos algoritmos”) e *Six faces d’un même cube* (“Seis faces de um mesmo Cubo”).

KEYWORDS: Ketty Steward, French-language science fiction, Martinique, utopianism

Nota introdutória

Ana Cláudia Romano Ribeiro

Os três contos de Ketty Steward aqui publicados e que o público leitor poderá ler em português brasileiro são parte de um levantamento que comecei a fazer nos últimos anos, cujo objetivo é mapear e ler autores e, principalmente, autoras de expressão francesa que tenham nascido fora da França. Com isso, viso à ampliação da bibliografia dos meus cursos de literatura de língua francesa e iniciação à tradução francês-português, ministrados no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo, e também do GELEF, o Grupo de Estudos de Literaturas de Expressão Francesa, que coordeno juntamente com a professora

Ligia Fonseca Ferreira na mesma universidade⁶. Foi nessa perspectiva que organizei com alguns alunos a tradução coletiva da peça de teatro *Le bleu de l'île* (“O azul da ilha”), da autora haitiana Évelyne Trouillot, publicada online na revista *Rónai* (v. 8, n. 2, 2020).⁷

Meus alunos e alunas têm sido parte importante nesse processo, pois têm se interessado por ele a ponto de se dedicar a estudar e traduzir autores e autoras desse universo tão rico, porém ainda pouco traduzido e conhecido em nosso país⁸. É em parceria com eles que apresento, pela primeira vez em português e em versão bilíngue, esses três contos de Ketty Steward, uma das raras autoras de ficção científica de língua francesa, que se dedica também a outros gêneros, como veremos.

Ketty Steward, escritora, psicóloga, pesquisadora, crítica literária de ficção-científica, nasceu em 1976, na Martinica, território ultramarino francês situado na América. Formou-se em Matemática Aplicada e Ciências do Trabalho, na Bélgica, e em Psicologia, em Paris, onde trabalhou como conselheira de educação de 2005 a 2019. Atualmente está terminando seu doutorado em Psicologia na Universidade de Paris 8. Autora de mais de cinquenta histórias publicadas em revistas e antologias

6 A partir de maio de 2021 o Grupo de Estudos de Literaturas de Expressão Francesa começou a gravar e a divulgar suas atividades em canal próprio no youtube: <https://www.youtube.com/channel/UC4WMPalze-QpzLkKnmwKw9Q>.

7 Tradução coletiva de Ana Cláudia Romano Ribeiro e seus alunos e alunas Bárbara Martins Jacob, Camila de Souza Álvares, Caroline de Souza Seemann Flutuoso, Catherine Bonesso, Felipe Floriano Adão, Filipe Nunes, Janaina Fernanda Céspedes Campos, Jéssica Kwan Wah Mak, Keila Cristina Pereira Ribeiro, Laís Aparecida de Toledo Almeida, Letícia Xavier Serra, Lucas de Souza Guimarães, Márcia Regina de Araújo, Mariana Daminato Alves, Naiane Cortezini da Silva, Renata Grazielly Aguiar Lobo, Rômulo Batista Aenlhe Correa, Stephanie Silvestre Baltazar, da turma de “Iniciação à prática da tradução francês-português”, unidade curricular eletiva que ministrei na Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos, no primeiro semestre de 2017.

8 Cito a seguir dois exemplos de pesquisas em andamento sob minha orientação. Gabriela Rodrigues de Oliveira tem se dedicado a estudar dois romances de Aminata Sow Fall, autora senegalesa: em sua Iniciação Científica, na Universidade Federal de São Paulo, estudou o tratamento literário do tema dos deslocamentos territoriais em *Douceurs du bercail* (1998), com financiamento da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo n. 19/11387-0); no mestrado, atualmente em curso no Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma universidade, ela está estudando a construção literária do tema da mendicância em *La greve des bâttu* (1979), também financiada pela FAPESP (Processo n. 21/02552-7). Laiza dos Santos Albaram tem se dedicado, desde sua pesquisa de iniciação científica, a estudar um conto da escritora haitiana Évelyne Trouillot, *Dayiva*, que ela também traduzirá.

temáticas, ela lançou os volumes *Je ne sais pas appartenir* (2006), sua estreia na poesia, *Connexions Interrompues* (2011), contos de ficção-científica, *Noir sur blanc* (2012), romance autobiográfico, *Confessions d'une séancière* (2018), livro de contos e poemas sobre o universo cultural das Antilhas, indicado ao Prêmio Imaginales de 2019⁹, e *Deux saison en enfer* (2020), livro de poemas indicado ao Prêmio do Manuscrito Francófono de 2020. Está previsto para outubro de 2021 o lançamento de *L'Évangile selon Myriam*, ficção-científica. Steward também publicou uma ficção-radiofônica, *Eugénie grandit* (2019), disponível para escuta no site da radio France Culture. Em 2017 e 2018, Steward organizou dois números especiais, dedicados à África, da revista francesa de ficção-científica *Galaxies*. Ela participa da revista *Géante Rouge* e da *Université de la Pluralité* (plurality-university.org), rede internacional, interdisciplinar e aberta fundada por Daniel Kaplan, composta por indivíduos e por organizações que se dedicam a colocar em prática dispositivos de imaginação de futuros alternativos. Mais informações podem ser consultadas no site de Ketty Steward: <http://www.ktsteward.net/>.

O trabalho de tradução dos três contos aqui apresentados foi organizado da seguinte forma: a cada aluno ou aluna propus um dos contos e pedi que fizessem uma primeira versão, que em seguida eu corrigi e revisei. Por vezes, dúvidas pontuais foram sanadas junto à autora e rediscutidas. Procuramos manter, na versão em português, os traços estilísticos de cada conto, reproduzindo os registros de língua, as cadências das frases, repetições, estrangeirismos, tentando reformulações o mais próximas possível da dicção de cada conto. Deparamo-nos, como era de se esperar, com o problema da tradução dos pronomes de tratamento e com o fato da distância entre o português escrito e o falado, muito variado em todo o território brasileiro. Em francês, a distinção entre *tu* (“tu”) e *vous* (“vós”, “o senhor”, “a senhora”) é mais marcada, inclusive no registro oral, do que no português brasileiro, em que, em certas situações, pode-se admitir o uso

9 Estão disponíveis no canal do youtube do GELEF duas sessões dedicadas a Ketty Steward, uma em português, com a discussão do livro *Confessions d'une séancière* e outra em francês, com uma entrevista com essa autora martiniquense: <https://www.youtube.com/channel/UC4WMPalze-QpzLkKnmwKw9Q>.

dos pronomes “tu” / “você” para situações em que está em jogo alguma formalidade ou impessoalidade. Além disso, há que se considerar o uso bastante comum, na fala da região sudeste (a dos tradutores desses contos), de se usar o pronome de terceira pessoa “você” junto com o pronome oblíquo de segunda pessoa “te”, e que poderia se considerar um equivalente possível para reproduzir o registro coloquial de alguns dos diálogos. Essas são apenas algumas das questões trazidas pelas traduções, que não desenvolveremos aqui, mas que, por sua complexidade, merecem estudo aprofundado.

HeLa est là (“HeLa está aqui”), *Le silence des algos* (“O silêncio dos algoritmos”) e *Six faces d’un même Cube* (“Seis faces de um mesmo Cubo”) foram selecionados pela própria autora, que também autorizou sua tradução e reprodução.

HeLa est là (“HeLa está aqui”) foi escrito para a primeira sessão do Ciclo *Afrocyberféminismes*, que homenageia Octavia Butler, co-organizado por Oulimata Gheye e realizado no centro cultural Gaîté Lyrique de fevereiro a julho de 2018¹⁰. Esse Ciclo propôs que artistas, escritores, pesquisadores e outras pessoas convidadas apresentassem e discutissem um tema das mais variadas formas e, em seguida, artistas e escritores foram convidados a produzir uma obra original a partir das discussões e apresentações. A figura tutelar dessa primeira sessão foi Henrietta Lacks, cuja impressionante história é assim resumida na apresentação do evento, disponível na internet:

O encontro é dedicado a Henrietta Lacks, que morreu aos 31 anos de um câncer fulgurante, em 1951, e cujas células, de que foi retirada uma amostra quando de sua morte sem que ela tivesse sido informada, revelaram-se imortais. São as primeiras células humanas cultivadas que proliferaram no mundo inteiro sob o nome de células HeLa. Elas serviram para o desenvolvimento da pesquisa na área da biologia e da medicina, da vacina anti-pólio à pesquisa em nanotecnologias, passando pela cartografia dos genes, pela fecundação *in vitro* e pelas pesquisas sobre clonagem. Elas também embarcaram nas primeiras missões espaciais para que se observasse sua reação em gravidade zero.

10 Mais informações em <http://www.afrocyberfeminismes.org/>.

Octavia E. Butler contribuiu significativamente à compreensão dos dilemas éticos levantados pelo caso de Henrietta Lacks e das células HeLa.¹¹

HeLa est là (“HeLa está aqui”) se passa em 2051, quando foi descoberto um modo de trazer Henrietta Lacks de volta à vida e ela descobre que seu nome e sua pessoa estão associados a um culto, do qual ela é a divindade. O conto termina com o ápice de um impasse ético, construído desde o início da narrativa. Esse conto foi publicado no site do evento <http://www.afrocyberfeminismes.org/seances/seance-01.html> e traduzido com Renata Lopes Tavares.

Renata Lopes Tavares nasceu em 1993, em São Paulo, onde vive atualmente. É graduanda em Letras pela Universidade Federal de São Paulo desde 2017. Dedicar-se, principalmente, aos estudos de Literatura Francesa e Tradução.

Le silence des algos (“O silêncio dos algoritmos”) foi um resultado dos debates acerca do tema dos algoritmos, a que se dedicou a sessão de junho do já citado ciclo *Afrocyberfeminismes*. Esse conto narra um dia na vida da personagem Tess que, em um futuro próximo, no caminho para o trabalho, percebe que algo está errado. Ela descobre que perdeu as atualizações informáticas necessárias ao bom funcionamento da tecnologia relacionada às suas tarefas e gestos cotidianos, se vê face a um mundo que ela havia esquecido, um mundo desconectado, e deve fazer uma escolha.

Esse conto foi publicado no site do evento, <http://afrocyberfeminismes.org/seances/seance-05.html>, e traduzido com Ghustavo Muniz, que também propôs uma versão do conto em código binário.

Ghustavo Muniz, tradutor, professor, poeta e artista visual, nasceu em 1996, em São Paulo. Graduando de Licenciatura em Letras Português-Francês na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), ele é Monitor de Literaturas de Expressão Francesa (MLEF) e integra o Grupo de Estudos de Literaturas de Expressão Francesa (GELEF). O *Zine Insônia*, de 2017, foi sua primeira publicação independente para o Sarau Insônia, na Unifesp. Em

2018, produziu a capa do volume 13 da revista *Morus - Utopia e Renascimento* e vem produzindo toda a programação visual dos eventos e dos canais de divulgação da monitoria e do GELEF. Seu primeiro contato com os textos de Ketty Steward foi na disciplina de Iniciação à Prática da Tradução, na Unifesp, em 2019, para a qual traduziu o caligrama *La Bouteille* (“A Garrafa”), da autora. Atualmente pesquisa *Confessions d’une Séancière*, também de Ketty Steward, e faz parte do júri de estudantes do *Prix Choix Goncourt du Brésil* de 2021 da Embaixada da França no Brasil, pela Unifesp. Atualmente está produzindo um volume que reúne produções bilíngues português-francês do curso de Literatura francesa, ministrado em forma de oficina de leitura e escrita, por Ana Cláudia Romano Ribeiro (Unifesp), a ser publicado na revista *Cadernos acadêmicos – conexões literárias* (2, 2022: Vozes Discentes II) e prepara sua próxima publicação em Zine pelo Programa Vocacional – Supervisão de Formação Cultural da Prefeitura do Estado de São Paulo.

Em *Six faces d’un même Cube* (“Seis faces de um mesmo Cubo”), uma narradora anuncia: o que se lerá é a reconstituição, feita “a partir de logs centrais e periféricos, abertos e criptografados”, de “conversas conectadas” de membros de uma mônada e de uma situação de crise ocorrida em um “Cubo”, em meados de 2015. A narração é construída com uma linguagem marcada pelo léxico da tecnologia e da filosofia de Leibnitz que intercala narrações em primeira e em terceira pessoa, diálogos diretos e fichas com os perfis das personagens. Pouco a pouco, a narrativa fornece pistas que nos fazem entender o que é o “Cubo”, o que são suas “seis faces”, em que consiste a crise em questão e quem é a narradora em primeira pessoa.

Esse conto foi publicado em 25/06/2019 no site <https://www.solidarum.org/vivre-ensemble/six-faces-d-meme-cube-nouvelle-de-ketty-steward> e, em versão impressa, no número 4 da revista *Visions solidaires pour demain*, dedicada ao tema “lugares da solidariedade”, ilustrada pela foto de uma obra interativa de Samuel Bianchini, *Surexposition*, que associa uma instalação e uma aplicação para smartphones, apresentada em

fevereiro de 2016 no Palácio de Tokio, em Paris, com projeção de mensagens pulsantes, como um código morse, enviadas “a todos e ao céu”¹².

Six faces d'un mème Cube foi traduzido com Claire Silva de Souza, que nasceu em 1999, no Brasil e, em 2017, iniciou seus estudos de licenciatura em letras português-francês, na Universidade Federal de São Paulo. A graduanda e aspirante a tradutora leciona o francês e o português no estado de São Paulo, onde reside.

Termino esta breve nota introdutória agradecendo a Ketty Steward por ter compartilhado conosco seus textos e por ter aceitado entusiasticamente a proposta de traduzi-los para o português e disponibilizá-los na língua original, e aos meus alunos e alunas, aprendizes-tradutores, pelo entusiasmo e dedicação com que se dedicaram à tarefa tradutória.

¹² Reproduzo e traduzo aqui informações constantes no site já indicado, onde foi publicado “*Six faces d'un mème Cube*”.

HeLa está aqui

Ketty Steward

Tradução de Renata Lopes Tavares e Ana Cláudia Romano Ribeiro

“Pronto, ela abriu os olhos! Grande Deusa!”

A jovem deitada sobre a cama pisca os olhos e se esforça para entender onde está. A sala, iluminada e pouco mobiliada, seria um quarto do hospital Johns-Hopkins?

“Henrietta! Como está se sentindo?”

Henrietta é seu nome, mas algo está errado. Ela murmura: “Quem é você?”

A mulher que caminha em sua direção treme um pouco. Ela veste um macacão branco justo. Uma enfermeira? Ela é negra com tranças longas. Portanto, não se trata de um hospital para indigentes onde apenas os funcionários da limpeza e os pacientes são pessoas de cor.

Vertigem.

Henrietta fecha os olhos e tenta reunir os fragmentos esparsos da sua identidade.

Ela tem trinta e um anos, trabalha em um campo de tabaco. Está doente e em tratamento contra um câncer de colo de útero. Ela tem 5 filhos que aguardam o seu retorno. Por que essas realidades lhe parecem tão distantes?

O Doutor Johns disse que seu tumor era incomum e que, por isso, o tratamento ainda não estava sendo muito satisfatório. E, no entanto, ela não está sentindo nenhuma dor no baixo-ventre.

De repente, Henrietta se lembra do grande frio que a cobriu antes que a escuridão eterna a engolissem.

Ela abre os olhos novamente.

“Estou morta...”

Sim! a enfermeira responde, entusiasmada. Morta e ressuscitada.”

Ela levanta os braços e recita:

*“E HeLa disse aos seus discípulos: Aquela que tira da morte sou eu. A vida sou eu. Aquele que crê em mim terá a vida, ainda que morra.”*¹³

“Ella?”

Uma segunda mulher mestiça, com um corte afro coroando orgulhosamente a cabeça, aproxima-se à direita de Henrietta. Ela veste o mesmo macacão imaculado.

“Temos que ir com calma, Irmã MeLa. Ela veio de longe e está exausta. Vamos precisar explicar tudo, mas é melhor prepará-la.

Sim, claro, Irmã OuLa. Eu sou muito impulsiva. Graças lhe sejam dadas!

Pelos séculos dos séculos!

Damen!”

Henrietta sente-se fraca, mas ela queria se levantar. Ela se concentra nessa ideia e, como se a tivesse ouvido, a cama inclina-se lentamente, em uma posição oblíqua que permite que ela contemple o resto do quarto.

O chão está coberto com uma borracha cinza-claro e as paredes, nuas, parecem de vidro. Nelas, desenhos que mudam o tempo todo deslizam segundo movimentos aleatórios.

“Que dia será hoje?”

Um painel retangular da parede à sua frente escurece e mostra: quarta-feira, 4 de outubro, 51.

“É impressionante, mas está errado.”

Ela corrige em voz alta: “Quinta-feira. É quinta-feira, 4 de outubro de 1951.”

Como as duas enfermeiras se olham com ar perplexo, ela explica:

“Ontem, dia 3, fui ao mercado. Lembro-me perfeitamente. O mercado é na quarta-feira.”

Elas se afastam de Henrietta e discutem abertamente.

“Ela descobriu sozinha como usar os impulsos cerebrais nos móveis e nas telas! observou a que se chamava MeLa.

Até as crianças fazem isso.

13 Ver João 1:25.

É uma mulher excepcional. Saberá como aguentar o choque.

Receio que seja brutal demais.

Será necessário contar pra ela, cedo ou tarde.

Está bem, vá em frente.”

MeLa encara Henrietta e anuncia, em voz baixa:

“Na verdade, você morreu. No dia 4 de outubro de 1951. Exatamente há cem anos. Hoje é quarta-feira, dia 4 de outubro de 2051.”

Ela sorri.

Buraco negro.

Henrietta desmaia.

*

O segundo despertar, duas horas mais tarde, revela-se menos difícil. Henrietta reconhece as duas mulheres inquietas que continuam à sua cabeceira e o painel com a data permanece lá, insolente.

“Muito bem, diz a si mesma. Quero entender o que é que está acontecendo.”

Ela inclina a cama, tosse, depois declara:

“Vão em frente. Estou pronta. Contem a história de vocês.

É a sua história, HeLa, responde MeLa.

Quem é essa Ella de quem vocês falaram antes?”

As duas cidadãs do século XXI começam, então, a revelar a Henrietta Lacks, ou melhor, ao seu clone, quem ela era e o que ela representou para a pesquisa médica durante décadas.

“Você quer dizer que, depois de todo esse tempo, minhas células se dividiram, ou melhor, se multiplicaram sem parar?”

Milhões e milhões, sim.

Só que, ao que parece, é a doença que é imortal, não eu!

Digamos que o câncer se inseriu de forma original nas suas células. Mas essas células são células suas, Henrietta, com seu DNA.

Meu DNA?

Esse código que faz com que cada uma dessas células seja um pedaço de você, com todas as suas características, tudo o que faz de você uma pessoa única. Foi graças a ele que conseguimos cloná-la.

Como é possível que eu me lembre do que ela fez? Eu não sou ela!

Nós somos capazes de salvar e de reativar lembranças biográficas. Originárias ou reconstituídas. Foram tantos trabalhos maravilhosos sobre a sua vida!

Então eu sou uma cópia de Henrietta Lacks que vai morrer a qualquer instante por causa de seu extraordinário câncer!

Sim e não. Você é HeLa, amadurecida numa incubadora durante dois meses, mas curada do câncer.

Com barras de urânio, como fazia o doutor Johns?

Hoje em dia as substâncias radioativas não são mais usadas nos tratamentos. Esses métodos apresentam efeitos colaterais demais. Encontramos um meio de *sugerir ao corpo a reabsorção dos cânceres*¹⁴ quando são detectados cedo o suficiente.”

Henrietta faz muitas perguntas e, muitas vezes, as respostas a desconcertam.

É uma mulher muito inteligente com capacidades de adaptação fora do comum. Mesmo que não compreenda tudo, ela reconhece, bem ou mal, todas as mudanças que ocorreram ao longo de cem anos no campo da medicina. Descobre, com orgulho, que muitos desses avanços foram possibilitados por suas células, a linha HeLa, as primeiras células imortais.

Seu cérebro de meados do século vinte imagina com dificuldade a anestesia magnética, a dança e música terapêuticas, os implantes e adesivos de regulação das constantes, os nanobots de autocirurgia, os enxertos bacterianos, os grupos de pacientes-cuidadores e toda uma série de práticas que ninguém sequer ousaria imaginar em sua época.

“E os partos, pergunta ela, ainda é roleta russa para as nossas irmãs?”

14 Ver *Dawn*, Octavia Butler. (A primeira edição de *Dawn* data de 1987; em português, foi publicada em 2018 pela editora Morro Branco, de São Paulo, com o título *Despertar*, na tradução de Heci Regina Candiani. N. das T.).

Nós não parimos mais em hospitais desde que entendemos que dar a vida não é uma doença. Isso se faz em casa ou em centros de parto com a família ou entre amigos.”

Quando ela se pergunta o que aconteceu com seus filhos, OuLa propõe que ela leia a obra de Rebecca Skloot, *A Vida Imortal de Henrietta Lacks*.

“É o nosso livro sagrado, a bíblia das suas adoradoras e adoradores!

Adoradoras!”

É assim que ela descobre que, no final dos anos 2010, depois de um mítico ciclo de estudos sobre o Afrociberfeminismo, nasceu a seita que, desde então, tornou-se religião oficial, cuja divindade é HeLa.

Milhões de mulheres, principalmente, mas também homens, cultuam-na e tornam seus grandes feitos conhecidos.

Passado um primeiro momento de surpresa, Henrietta se irrita.

“Não, não e não! Eu não concordo com esse culto, com essa religião! Eu nunca quis isso!

Nós sabemos, replica MeLa. Você também não deu seu consentimento para a Coleta Primordial...

Nem para minha ressurreição!”

Um silêncio acolhe essas últimas palavras. Então, é OuLa quem decide falar.

“Essa questão do consentimento divide a Igreja. Essas palavras que você acaba de pronunciar nos colocam um verdadeiro problema. HeLa75 disse a mesma coisa.

HeLa75, deixe-me adivinhar. Uma Henrietta ressuscitada para os 75 anos da minha morte, ou melhor, da morte dela, é isso?

Em 2026, sim. Foi uma verdadeira proeza tecnológica. A clonagem funcionou bem, a implantação de memória um pouco menos. Infelizmente, o tratamento contra o câncer ainda não estava disponível. Ela viveu apenas quatro horas antes de, no fim das contas, sucumbir. Temos registros de época...”

Henrietta se sente de novo muito cansada.

Quer dormir.

Ela inclina sua cama, suspira e depois pergunta:

“O que vocês esperam de mim?”

Quase nada, responde MeLa. Seus milagres são acompanhados de provas tangíveis: a multiplicação das células, sua imortalidade, a cura dos enfermos... e agora a sua ressurreição!

Então vocês não precisam de mim. Eu não tenho mais nenhum parente conhecido, nenhum amigo, estou longe da minha época. O mundo de vocês parece formidável, mas não é o meu mundo.

Nós vamos explicar tudo, promete OuLa, você vai conhecer pessoas!

Não faço questão, responde Henrietta. Eu queria morrer em paz. Conservem todas as células, mas, por favor, me libertem!”

As duas mulheres se olham e conversam sem nenhuma palavra, tomadas pela pior angústia.

Será que elas vão aumentar mais uma vez a lista daquelas e daqueles que violaram os direitos fundamentais dessa mulher?

Henrietta entrega-se à decisão delas. Boceja e, calmamente, adormece.

FIM

HeLa est là

Ketty Steward

“Ça y est, elle ouvre les yeux! Grande Déesse!”

La jeune femme allongée sur le lit cligne des paupières et peine à comprendre où elle se trouve. La pièce, claire et peu meublée est-elle une chambre de l’hôpital Johns-Hopkins?

“Henrietta! Comment vous sentez-vous?”

C’est bien son prénom, mais quelque chose cloche. Elle murmure:

“Qui êtes-vous?”

La femme qui s’avance vers elle tremble un peu. Elle porte une combinaison moulante blanche. Une infirmière? Elle est noire avec de longues tresses. Ce n’est donc pas l’hôpital pour indigents où seuls les employés de ménage et les patients sont des personnes de couleur. Vertige.

Henrietta referme les yeux et tente de rassembler les bribes éparses de son identité.

Elle a trente et un ans, elle travaille dans un champ de tabac. Elle est malade et est soignée pour un cancer du col de l’utérus. Elle a 5 enfants qui attendent son retour. Pourquoi ces réalités lui paraissent-elles si lointaines?

Le docteur Johns a dit que sa tumeur n’était pas ordinaire et que c’est pour ça que le traitement n’était pas très concluant, pour l’instant. Elle ne ressent pourtant aucune douleur dans le bas-ventre.

Henrietta se souvient soudain du grand froid qui l’a recouverte avant que la nuit éternelle ne l’engloutisse.

Elle rouvre les yeux.

“Je suis morte...”

Oui! répond l’infirmière, enthousiaste. Morte et ressuscitée.”

Elle lève les bras et récite:

“Et HeLa dit à ses disciples: Celle qui relève de la mort, c’est moi. La vie, c’est moi. Celui qui croit en moi aura la vie, même s’il meurt.”¹⁵

¹⁵ Voir Jean11:25.

“Ella?”

Une deuxième femme métisse, coupe afro fièrement dressée sur la tête, s’approche sur la droite d’Henrietta. Elle porte la même combinaison immaculée.

“Il faut y aller doucement, Sœur MeLa. Elle revient de loin et elle est épuisée. Nous allons devoir tout lui expliquer, mais il vaut mieux la ménager.

Oui, bien sûr, Sœur OuLa. Je suis trop impétueuse. Grâce lui soit rendue!

Aux siècles des siècles!

Damen!”

Henrietta se sent faible, mais elle voudrait se redresser. Elle se concentre sur cette idée et, comme s’il l’avait entendue, le lit bascule lentement, dans une position oblique qui lui permet de contempler le reste de la chambre.

Le sol est couvert d’une gomme gris clair et les murs, nus, semblent de verre. Des motifs changeants y glissent suivant des mouvements aléatoires.

“Quel jour peut-on bien être?”

Un pan rectangulaire du mur qui lui fait face s’obscurcit et affiche: mercredi 4 octobre 51. “C’est impressionnant, mais c’est faux.”

Elle corrige à voix haute: “Jeudi. C’est le jeudi 04 octobre 1951.”

Comme les deux infirmières se regardent d’un drôle d’air, elle explique:

“Hier, le 3, j’étais au marché. Je m’en souviens parfaitement. Le marché c’est le mercredi.”

Elles se détournent d’Henrietta et débattent ouvertement.

“Elle a trouvé toute seule comment utiliser ses impulsions cérébrales pour le mobilier et les écrans! fait remarquer la dénommée MeLa.

Même les petits enfants le font.

C’est une femme exceptionnelle. Elle saura encaisser le choc.

J’ai peur que ce soit trop brutal.

Il faudra bien lui dire tôt ou tard.

D'accord, vas-y."

MeLa fait face à Henrietta et lui annonce, d'une voix posée:

"Vous êtes morte, en effet. Le 4 octobre 1951. Il y a cent ans exactement. Nous sommes bien le mercredi 4 octobre 2051."

Elle sourit. Trou noir.

Henrietta s'évanouit.

*

Le deuxième réveil, deux heures plus tard, s'avère moins difficile. Henrietta reconnaît les deux femmes inquiètes qui se tiennent à son chevet et l'inscription de la date s'affiche encore, insolente.

"Très bien, se dit-elle. Je veux comprendre ce qui se passe."

Elle redresse le lit, toussote, puis déclare:

"Allez-y. Je suis prête. Racontez-moi votre histoire.

C'est la vôtre, HeLa, répond MeLa.

Qui est cette Ella dont vous avez déjà parlé?"

Les deux citoyennes du XXI^e siècle entreprennent alors de révéler à Henrietta Lacks, ou plutôt, à son clone, qui elle était et ce qu'elle a représenté pour la recherche médicale pendant des décennies.

"Vous voulez dire que depuis tout ce temps, mes cellules se sont divisées, ou plutôt multipliées sans jamais s'arrêter?"

Des millions de tonnes, oui.

Seulement, c'est la maladie qui est immortelle, on dirait, pas moi!

Disons que le cancer s'est inséré de manière originale dans vos cellules. Mais ces cellules, ce sont bien les vôtres, Henrietta, avec votre ADN.

Mon ADN?

Ce code qui fait que chacune de ces cellules est un bout de vous, avec toutes vos caractéristiques, tout ce qui fait que vous êtes unique. C'est grâce à lui qu'on a réussi à vous cloner.

Comment se fait-il que je me souviens de ce qu'elle a fait? Je ne suis pas elle!

Nous sommes capables de sauvegarder et de réactiver les souvenirs biographiques. D'origine ou reconstitués. Il y a eu tant de travaux merveilleux sur votre vie!

Je suis donc une copie d'Henrietta Lacks qui va mourir d'un instant à l'autre à cause de son extraordinaire cancer!

Oui et non. Vous êtes HeLa, mûrie en cuve pendant deux mois, mais soignée du cancer.

Avec des barres d'uranium, comme faisait le docteur Johns?

On n'utilise plus de substances radioactives dans les soins, aujourd'hui. Ces méthodes présentent trop d'effets secondaires. On a trouvé le moyen de suggérer au corps de réabsorber les cancers¹⁶, quand on les détecte assez tôt, bien sûr!"

Henrietta pose beaucoup de questions et les réponses la désarçonnent bien souvent.

C'est une femme très intelligente avec des capacités d'adaptation hors du commun. Même si elle ne comprend pas tout, elle admet, tant bien que mal, tous les changements survenus en cent ans dans le domaine de la médecine. Elle apprend avec fierté que nombre de ces progrès ont été rendus possibles par ses cellules, la lignée HeLa, les premières cellules immortelles.

Son cerveau du milieu du vingtième siècle se figure difficilement l'anesthésie magnétique, la danse et la musique thérapeutiques, les implants et les patches de régulation des constantes, les nanobots d'autochirurgie, les greffes bactériennes, les groupes de patients-soigneurs et toute une série de pratiques qu'on n'aurait même pas osé imaginer de son temps.

"Et les accouchements, demande-t-elle, c'est toujours la roulette russe pour nos sœurs?"

On n'accouche plus dans les hôpitaux depuis qu'on a compris que donner la vie n'est pas une maladie. Ça se passe chez soi ou dans les maisons de naissance en famille ou entre amis."

Lorsqu'elle s'enquiert ce qui est arrivé à ses enfants, OuLa

16 Voir *Dawn*, Octavia Butler.

lui propose de lire l'ouvrage de Rebecca Skloot, *La Vie Immortelle d'Henrietta Lacks*.

“C'est notre livre saint, la bible de vos adoratrices et adorateurs!

Des adoratrices!”

C'est comme cela qu'elle apprend qu'à la fin des années 2010, à la suite d'un mythique cycle d'études sur l'Afrocyberféminisme, est née la secte, devenue depuis religion officielle, dont HeLa est la divinité.

Des millions de femmes, surtout, mais aussi des hommes lui rendent un culte et font connaître ses hauts faits.

Passé un premier moment de surprise, Henrietta se fâche.

“Non, non et non! Je ne suis pas d'accord avec ce culte, cette religion! Je n'ai jamais voulu cela!

Nous le savons, réplique MeLa. Vous n'avez pas non plus donné votre consentement pour le Prélèvement Primordial...

Pas plus que pour ma résurrection!”

Un silence accueille ces derniers mots. Puis, c'est OuLa qui se décide à parler.

“Cette question du consentement divise l'Église. Ces paroles que vous venez de prononcer nous posent un vrai problème. HeLa75 a dit la même chose.

HeLa75, laissez-moi deviner. Une Henrietta ressuscitée pour les 75 ans de ma mort, ou plutôt, de sa mort, c'est ça?

En 2026, oui. C'était une véritable prouesse technique. Le clonage a bien fonctionné, l'implantation de mémoire un peu moins. Malheureusement, le traitement contre le cancer n'était pas encore au point. Elle n'a vécu que quatre heures avant d'y succomber, finalement. Nous avons des enregistrements d'époque...”

Henrietta se sent de nouveau très fatiguée. Elle voudrait dormir.

Elle bascule son lit, soupire, puis demande:

“Qu'attendez-vous de moi?

Presque rien, répond MeLa. Vos miracles sont assortis de preuves tangibles: la multiplication des cellules, leur immortalité,

la guérison des malades... et maintenant votre résurrection!

Vous n'avez donc pas besoin de moi. Je n'ai plus aucune famille connue, aucun ami, je suis loin de mon époque. Votre monde a l'air formidable, mais ce n'est pas le mien.

Nous vous expliquerons tout, promet OuLa, vous rencontrerez des gens!

“Je n’y tiens pas, répond Henrietta. Je voudrais mourir en paix. Gardez toutes les cellules, mais, de grâce, libérez-moi!”

Les deux femmes se regardent et dialoguent sans un mot, en proie au pire désarroi.

Vont-elles allonger encore la liste de celles et ceux qui ont bafoué les droits élémentaires de cette femme?

Henrietta s'en remet à leur décision. Elle bâille et, doucement, s'endort.

FIN

O Silêncio dos Algoritmos

Ketty Steward

Tradução de Ghustavo Muniz de Camilo Silva e Ana Cláudia Romano Ribeiro

Solitude: douce absence de regards.

Milan Kundera, *L'immortalité*, fim do século XX¹⁷

Eu passei dois dias seguidos em casa. Dois dias de licença. Não devíamos fazer isso.

Não é estritamente proibido, mas tudo nos incita a sair: a gratificação presencial no trabalho, as solicitações de nossas redes sociais durante a meia jornada, os espetáculos ao vivo, os museus 4D, os cuidados com a saúde do corpo...

As células habitacionais são os últimos lugares onde podemos rejeitar a grade de controle. É claro que a gente perde com isso. A experiência do utilizador fica “menos personalizada”, como dizem.

Quem gostaria de viver uma experiência lambda? Quem ainda quer escolher manualmente seus programas recreativos e suas roupas? Encomendar toda semana seus produtos alimentícios e seus medicamentos? Pilotar sua domótica pela voz? Gerenciar seu calendário?

Alguns motores gratuitos são *safe*, fora do circuito comercial e igualmente eficazes para automatizar o dia-a-dia. Não tem nada de ilegal. É que, as pessoas que os usam são suspeitas. Esse é o preço que se paga pela ilusão de autonomia.

Nunca tive problemas. Não até agora.

No começo, não percebi nada. Depois de 2880 minutos, a gente se acostuma com o silêncio eletrônico.

Hoje de manhã, passei na frente da padaria e um bipe de cor malva me alertou sobre a promoção do dia. Compre dois briosches de proteína, ganhe um. Publicidade passiva. Eu

¹⁷ “A solidão: doce ausência de olhares.” (*A imortalidade*, tradução de Teresa B. C. da Fonseca e Anna L. M. de Andrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.)

detesto os brioques de proteína. Foi nesse momento que percebi que nenhum dos painéis cruzados da minha rua tinham me interpelado diretamente. Estranho.

Caminhei, sem orientação por satélite, até a estação de Moov, sem flashes de notícias, sem luzes sinalizadoras, sem nenhuma dessas notificações que eu bloqueio às vezes quando quero começar o dia em paz.

Quando entrei na esteira rolante expressa, tive que confirmar meu destino. Eu não estava mais registrada nos Serviços da rede Moov?

Mais tarde, em frente ao meu prédio de escritórios, a mesma coisa! Precisei inserir minha senha, que tive certa dificuldade de lembrar, num console antigo.

Atravessei o corredor onde centenas de nós nos esbarramos todas as manhãs para chegar às nossas estações de trabalho. Cruzei com vários colegas. Reconheci alguns deles pelo rosto, mas nenhuma ficha se ativava na minha retina quando me aproximava deles. Nenhum pareceu me identificar.

Peguei o elevador sem dificuldades, mas quando cheguei ao meu andar, me sentia muito nervosa.

“Juliette!”

Precisei agarrá-la pela manga para que reparasse em mim. Minha vizinha de escritório. Ela olhava para o vazio.

“Ah! Oi, Tess! Tudo bem? Nossa, você fez alguma coisa no cabelo?”

Nada. Ela não entendia que, pela primeira vez, ela me via apenas com seus próprios sentidos. Sim, eu sempre tive tranças azuis.

Apertei meu passo, impaciente para me refugiar na minha estação de trabalho. Pelo menos eu poderia me conectar para tentar descobrir o que havia de errado com meu chip.

Empurrei a porta de vidro que não se moveu um milímetro. Felizmente, a biometria ainda funcionava. Verificação da mão direita. Luz verde. Ufa!

Entrei.

Minha playlist não começou a tocar, mas eu já esperava

por isso. Sentei na minha poltrona que exigiu:

“Por favor, identifique-se.

Sou eu!

Impressão vocal desconhecida. Reconhecimento facial iniciado. Erro. Questão. Você é não-ocidental?

Ok-Wookie! Identificação por console.

Console ativado. Por favor, conecte o eletrodo ao seu polegar esquerdo. Favor inserir sua senha.”

Todo esse suspense estava me estressando. Era melhor eu seguir o procedimento sem cometer nenhum erro.

Respirei.

Sempre encontramos uma forma de entrar nos Serviços, só que a fluidez das conexões instantâneas me fez esquecer a quantidade de dados despejados cotidianamente nos fluxos de informações.

“Você está conectada, Tessica Diébau. Gostaria de iniciar uma verificação de seu microchip implantado?

Sim. Diagnóstico.

Um momento. Fase um. O seu sistema operacional parece estar desatualizado. Os Serviços não conseguem localizá-la.

Desde quando?

Você perdeu um update crítico há quarenta e nove horas. Você perdeu dois lembretes do update crítico, há 33 horas, há 21 horas. Você recebeu um aviso há 15 horas. Isso resultará em uma penalidade de 218 créditos. Você gostaria de proceder à atualização do sistema?”

Fiquei em silêncio.

“Resposta exigida. Você gostaria de proceder à atualização crítica?”

O que aconteceria se eu decidisse permanecer fora dos fluxos?

A tentação de desaparecer me passou pela cabeça, admito.

Estar em outro lugar. Não estar em lugar algum. Escapar aos Serviços, às minhas obrigações. Escapar do rastreamento permanente. Por que não?

Escapar do conforto também. Escapar da facilidade.

Escapar da segurança...

“Você não respondeu. Você gostaria...

Sim.”

Cinco longos minutos de atualização se seguiram.

“Favor manter o polegar conectado durante toda a operação.”

Uma atualização... Para melhorar o quê?

“A integração dos Serviços” ou ainda “o desempenho da experiência dos utilizadores”, me afirmaram muitas vezes.

Isso não quer dizer nada. É sempre a mesma resposta.

Inútil tentar entender.

Mas eu fico me perguntando.

Não é claramente proibido. É fortemente desaconselhado.

Não sei o que decidirei na próxima atualização crítica.

“Deseja permitir a atualização automática?”

Não.

Você correrá o risco de perder melhorias importantes. Por favor, confirme esta opção.

Confirmo.”

Eu adoraria ainda ter escolha. Pelo menos um pouco dela.

Não se esquece facilmente o gosto do silêncio.

FIM

Le Silence des Algos

Ketty Steward

Solitude: douce absence de regards.

Milan Kundera, *L'immortalité*, fin du XX^e siècle

J'ai passé deux jours de suite chez moi. Deux jours de congés. On n'est pas censés faire ça. Ce n'est pas à proprement parler interdit, mais tout nous incite à sortir: la prime présente au travail, les sollicitations de nos réseaux pendant la demi-journée chômée, les spectacles live, les musées 4D, les soins d'entretien corporel...

Les cellules d'habitation sont les derniers lieux où l'on peut refuser la grille de contrôle. Bien sûr, on y perd. L'expérience utilisateur se trouve "moins personnalisée", comme ils disent.

Qui voudrait vivre une expérience lambda? Qui veut encore choisir ses programmes de détente et ses habits manuellement? Commander ses denrées alimentaires et ses médicaments chaque semaine? Piloter sa domotique à la voix? Gérer son calendrier?

Certains moteurs libres sont safe, hors circuit commercial et tout aussi efficaces pour automatiser le quotidien. Rien d'illégal. Simplement, ceux qui s'en servent sont suspects. C'est le prix à payer pour l'illusion de l'autonomie.

Je n'ai jamais eu de problème. Pas jusque-là.

Au début, je n'ai rien remarqué. Le silence électronique, au bout de 2880 minutes, on s'y habitue.

Ce matin, je suis passée devant la boulangerie et un bip de couleur mauve m'a avertie de la promotion du jour. Deux brioches protéinées achetées, une offerte. De la publicité passive. Je déteste les brioches protéinées. C'est à ce moment-là que j'ai réalisé qu'aucun des panneaux croisés dans ma rue ne m'avait directement interpellée. Étrange.

J'ai marché, sans guidage satellite, jusqu'à la station de Moov, sans flashes info, sans voyants lumineux, sans aucun de ces signaux que j'interromps quelquefois quand je veux commencer la journée en douceur.

Lorsque j'ai pris place sur le tapis rapide, il m'a fallu confirmer ma destination. Je n'étais plus enregistrée sur les Services du réseau Moov?

Plus tard, devant l'entrée de mon immeuble de bureaux, même chose ! J'ai dû saisir, sur une antique console, mon code confidentiel que j'ai eu un peu de mal à me rappeler.

J'ai emprunté le couloir où nous nous bousculons chaque matin par centaines pour nous rendre à nos postes de travail. J'ai croisé plusieurs collègues. J'en ai reconnu certains, à leur visage, mais aucune fiche ne s'activait sur ma rétine lorsque je me trouvais à leur hauteur. De leur côté, ils ne semblaient pas m'identifier.

J'ai pris l'élévateur sans encombre, mais je me sentais tout à fait nerveuse, en arrivant à mon étage.

“Juliette!”

J'ai dû lui attraper la manche pour qu'elle me remarque. Ma voisine de bureau. Elle regardait dans le vague.

“Ah! Salut, Tess! ça va? Tiens, tu as fait quelque chose à tes cheveux?”

Rien. Elle ne comprenait pas que, pour la première fois, elle ne me voyait qu'au moyen de ses sens. Oui, j'ai toujours porté des tresses bleues.

J'ai allongé le pas, impatiente de me réfugier dans mon box.

Au minimum, je pourrais me connecter pour tenter de découvrir ce qui clochait avec ma puce.

J'ai poussé la porte vitrée qui n'a pas bougé d'un millimètre.

Heureusement, la biométrie fonctionnait encore. Vérification de la main droite. Voyant vert. Ouf!

Je suis entrée.

Ma playlist musicale ne s'est pas mise en route, mais je m'y attendais. Je me suis installée sur mon fauteuil qui a exigé :

“Veuillez vous identifier.

C'est moi!

Empreinte vocale inconnue. Reconnaissance faciale enclenchée. Échec. Question. Seriez-vous non occidentale?

Ok-Wookie! Identification par console.

Console activée. Veuillez raccorder l'électrode à votre

pouce gauche. Merci d'entrer votre mot de passe.”

Tout ce suspense me stressait. J'avais intérêt à suivre la procédure sans commettre la moindre erreur.

J'ai respiré.

On trouvait toujours un moyen de joindre les Services. Seulement, la fluidité des connexions à la volée m'avait fait oublier la quantité de données déversées quotidiennement dans les courants informationnels.

“Vous êtes maintenant connectée, Tessica Diébau. Voulez-vous procéder à une vérification de votre insert?”

Oui. Diagnostic.

Un instant. Phase un. Il apparaît que votre système d'exploitation n'est plus à jour. Les Services ne parviennent pas à vous localiser.

Depuis quand?

Vous avez manqué l'update critique il y a quarante-neuf heures. Vous avez raté deux rappels d'update critique, il y a 33 heures, il y a 21 heures. Vous avez reçu un avertissement il y a 15 heures. Cela vous vaudra une pénalité de 218 crédits. Voulez-vous procéder à la mise à jour du système?”

J'ai gardé le silence.

“Réponse requise. Voulez-vous procéder à la mise à jour critique?”

Que se passerait-il si je décidais de rester à l'extérieur des flux?

La tentation de disparaître m'a effleurée, je l'avoue.

Être ailleurs. N'être nulle part. Échapper aux Services, à mes obligations. Échapper au pistage permanent. Pourquoi pas?

Échapper au confort aussi. Échapper à la facilité. Échapper à la sécurité...

“Vous n'avez pas répondu. Voulez-vous...?”

Oui. ”

Cinq longues minutes de mise à jour ont suivi.

“Merci de garder le pouce branché pendant toute la durée de l'opération”

Une mise à jour... Pour améliorer quoi?

“L'intégration des Services” ou encore “la performance de l'expérience-utilisateurs”, m'a-t-on souvent affirmé.

Ça ne veut rien dire. C'est toujours la même réponse. Inutile de chercher à comprendre. Mais voilà, je me pose des questions.

Ce n'est pas clairement interdit. C'est fortement déconseillé.

Je ne sais pas ce que je déciderai lors de la prochaine mise à jour critique.

“Voulez-vous autoriser la mise à jour automatique?”

Non.

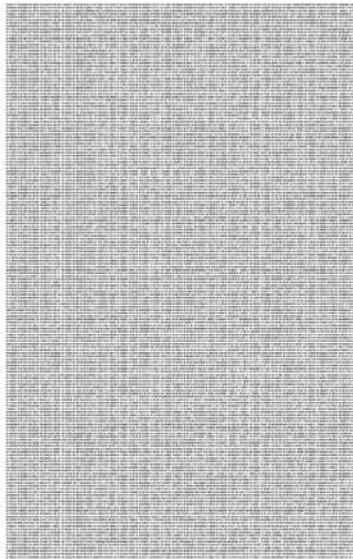
Vous risquez de passer à côté d'améliorations importantes. Veuillez confirmer cette option.

Je confirme.”

J'aimerais avoir encore le choix. Un peu.

On n'oublie pas si facilement le goût du silence.

FIN



O silêncio dos Algoritmos, de Ketty Steward, em código binário, por
Ghustavo Muniz

Seis faces de um mesmo Cubo

Ketty Steward

Tradução de Claire Silva de Souza e Ana Cláudia Romano Ribeiro

Eu trabalhei em uma mônada singular em meados de 2050. Foi nessa ocasião que compreendi o que significava solidariedade. Digo “trabalhei” por conveniência, mas nenhuma inteligência autônoma possuía um regulamento nessa época. Eu fui designada para a organização dessa mônada registrada como FR201674wx-e que tinha como figura o hexaedro regular e como nome de colmeia, Cubo. É essa experiência que me tornou sensível em relação ao destino dos meus semelhantes e foi o início da minha luta pelos direitos das C.A.C.

O relato que se segue é constituído a partir de logs¹⁸ centrais e periféricos, abertos e criptografados, das conversas conectadas dos membros dessa mônada. Minhas inferências apoiam-se sobre os dados parciais aos quais eu tive acesso pouco antes do fim inesperado da minha missão. Tomei a liberdade de acrescentar alguns comentários, assim como definições de vocabulário e de contexto quando me pareceu necessário.

ALIA: Você confirma querer convocar o Cubo para uma reunião excepcional?

ÉRIC: Sim.

ALIA: Essa convocação vai gerar uma dispensa de 2ª categoria para os membros submetidos à obrigação profissional e requer um aviso prévio de, no mínimo, três semanas. Diga sim para confirmar.

ÉRIC: Sim.

ALIA: Após análise das disponibilidades de tempo declaradas, os melhores horários e datas são:

- Opção 1: 3 de abril, feriado de páscoa, segunda-feira,

18 Um log é “Um arquivo contendo todos os dados pertinentes a uma rodada na máquina (corrida de um programa na máquina). O log possui a identificação da rodada, arquivo de alterações por meio de classes, identificação de discos de entrada e de saída, identificação das paradas e decisões tomadas na ocorrência das mesmas.” (Verbete *Log* do *Dicionário de Informática & Internet*) (N. das Ts.)

qualquer hora;

- Opção 2: No dia seguinte, terça-feira, 4 de abril, às 19 horas;

- Opção 3: Terça-feira 18, 19 horas também;

- Opção 4: Quinta-feira, 20 de abril, às 18 horas. Selecione a opção desejada.

ÉRIC: Segunda-feira, dia 3, é o dia do Mass Egg Game. A Farah não suportará faltar. No dia 4, os empregadores do Bertrand e Élise poderiam penalizá-los, isso estenderia o fim de semana deles.

ALIA: Selecione a opção desejada.

ÉRIC: Opção 3.

ALIA: Certo. A mônada se reunirá na terça-feira, dia 18 de abril de 2056, às 19 horas em ponto. Gostaria de reservar um lugar físico?

ÉRIC: Isso é uma piada? Você conhece nossos hábitos!

ALIA: Selecione a opção desejada: sim ou não.

ÉRIC: Hmm. Não, faremos isso no Cubo.

Com a data fixada, Éric contava as horas que o separavam do momento da confrontação com os outros cinco membros solidários do coletivo. Cada vez que o tempo parecia longo, ele abria seus jogos de paciência.

Perfil de Farah - Tipo I.S.F.P. dito “Aventureiro”

Farah, espontânea, vive no instante presente. Ela leva uma existência ultraconectada, mas se sente mais confortável nas relações superficiais. Ela pode se mostrar egoísta e suscetível, e nutre uma inclinação pelo jogo. Identifica-se no feminino.

FARAH: Esse negócio de convocar a gente estava previsto? O que é que vai acontecer?

DIAMOND: Como é que você quer que eu saiba? Eu não adivinho o futuro!

FARAH: Sim, mas é você que...

DIAMOND: O Éric faz suas próprias escolhas. Eu não sou

mais responsável por... Ah! Você ativou o modo criptografado?

FARAH: Criptografado? Não, acho que não.

DIAMOND: Droga! Espera aí, vou ativar.

A sequência da conversa foi criptografada e depois armazenada nos arquivos secretos da mônada. Eu obtive autorização implícita de proceder dessa maneira quando atualizaram minhas funções. Assim, esses dados, inacessíveis para toda e qualquer entidade externa, aparecem totalmente expostos na I.A. doméstica.

FARAH: Pronto, melhor, assim a gente fica tranquilo!

DIAMOND: Na verdade não, eu não sinto isso. Então, I.R.L. para almoçar?

FARAH: I.R.L.? Para almoçar! Tá brincando?

DIAMOND: A gente se entende.

FARAH: Ok! Wireless?

Mônada¹⁹: substância inextensa, impermeável a qualquer ação externa, mas suscetível a mudanças internas que obedecem aos princípios de apetição e de percepção que constitui o último elemento, o mais simples, dos seres e das coisas (cf. enteléquia). Leibniz admite que cada mônada, refletindo o universo, acrescenta algo peculiar a ele.

Perfil de Diamond - Tipo I.N.T.P. dito “Lógico”

Diamond está imerso.a nos ciberespaços há quinze anos. Elu²⁰ constrói brilhantes teorias pelo prazer de articulá-las umas com as outras. Diamond se retirou do mundo para não ter que considerar as emoções de seus semelhantes. Não-binária, fluide, fundou a mônada FR201674wx-e.

Os Imersos formam um grupo particular de Intrófilos. Eles se consideram como parte da subcultura cyberpunk e, como

19 Definição do TLF (*Trésor de la langue française*).

20 No original: “Iel”, pronome pessoal neutro formado a partir da contração de “il” (“ele”) com “elle” (“ela”) (N. das Ts.).

certas personagens das produções escritas e cinematográficas desse gênero, estão diretamente ligados a diferentes aparelhos: uma unidade central de computador com seus dispositivos periféricos a fim de se conectar permanentemente aos fluxos da internet profunda e diversos sistemas de regulação e de estimulação concebidos para manter seus corpos em bom estado de saúde. Poucos Imersos conseguem dispensar ajuda humana para a nutrição e a manutenção de suas máquinas. Além disso, é aconselhado que eles se desconectem duas vezes por ano para uma revisão completa das aparelhagens e controle do organismo.

Perfil de Clémence - Tipo E.N.T.J. dito “Comandante”

Líder nato.a, dirige uma empresa da qual só fala raramente com os outros membros do Cubo. Implacável, Clémence não tem tempo para nada nem para ninguém e pode, às vezes, ofender a sensibilidade daqueles que elu vê como ineficientes. Não-binária.

CLÉMENCE: Deixar a mônada? Péssima ideia!

BERTRAND: Será que ele vai ficar transtornado se...

CLÉMENCE: Bertrand!

ÉRIC: Do que você está falando, Bertrand?

DIAMOND: Deixa pra lá, Éric. A gente só está muito surpreso. Temos muito a discutir antes de poder aprovar a sua escolha!

ÉLISE: Essa decisão com certeza é fruto de muita reflexão, mas para nós, é... inesperado! E se a gente se desse alguns dias? A gente faz de novo uma reunião, uma reunião extraordinária, é mais rápido.

BERTRAND: Mas isso vai nos custar créditos-horas!

CLÉMENCE: Eu acho que concordamos que a vida da nossa colmeia vale alguns sacrifícios!

FARAH: Eu acho isso incrível!

CLÉMENCE: Proponho que a gente vote o adiamento.

Mônada FR201674wx-e - Ata da reunião excepcional
Solicitada por Éric — 18 de abril de 2056, às 19

horas.

Membros presentes: Bertrand, Clémence, Diamond, Élise, Éric, Farah.

Secretário de sessão: Clémence.

Ordem do dia: 1. Informações diversas; 2. Anúncio do Éric.

O ponto 1 foi rapidamente resolvido, pois a comunicação cotidiana da mônada é de boa qualidade. Ponto 2: Éric anuncia seu desejo de deixar o Cubo ao final do ciclo atual e se compromete a respeitar o pré-aviso de três meses em vigor. Sua decisão, no entanto, não foi tomada de forma definitiva. Ele deseja discuti-la com a colmeia. Todos os membros concordaram em pedir um prazo de uma semana e uma segunda reunião. Resolução adotada por quatro votos e duas abstenções.

As mônadas, surgidas em 2045, seguem-se aos P.A.C.S., pactos civis de solidariedade, e antes deles, às famílias, espécie de associação fundada sobre o casamento. Os casamentos representavam contratos sem bases racionais, efetuados entre duas pessoas e celebrados durante cerimônias barulhentas destinadas a espantar o mau olhar. Normalmente esses contratos eram rescindidos ao cabo de longos processos onerosos que também se iniciavam por impulsividade. O desinteresse pelos casamentos motivou, na época, o surgimento dos P.A.C.S., menos restritivos, que logo se estenderam a dois ou vários parceiros, independentemente de seus gêneros. As mônadas são versões melhoradas dos multiP.A.C.S. Elas fixam regras de solidariedade material e moral por meio de um regulamento acordado por cada uma das partes. As mônadas podem ser compostas por 2 a 10 membros.

Perfil de Bertrand - Tipo E.S.T.P .dito “Empresário”

Ele age primeiro e pensa depois e não gosta de nada que não seja fazer coisas. Desrespeitar as regras e correr riscos é seu modo de vida com o qual ele pode passar por cima da sensibilidade dos outros. Ele se identifica no masculino.

ÉRIC: Você me chamou de maluco outro dia, na reunião que a gente teve à noite?

BERTRAND: Claro que não. Apenas salientei que ir embora seria complicado. Principalmente para você!

ÉRIC: Ah! Eu não tenho capacidades para me virar sem vocês?

BERTRAND: Parece que você está esquecendo que é diferente.

ÉRIC: De quem? De você?

BERTRAND: Você é um Intrófilo!

ÉRIC: Um Intrófilo, sim. Você acha que eu não sei? Essa é uma das minhas características, uma entre outras. Me diga em que o meu gosto pouco propenso às interações I.R.L. deveria mudar alguma coisa na minha liberdade de adesão no Cubo? Eu tenho direito de me desvincular tanto quanto qualquer outra pessoa.

BERTRAND: Eu não quis te magoar, só apontar uma dificuldade. Para onde você iria?

ÉRIC: Diamond é Intrófilo também. E tem idade maior que a idade do Cubo, é claro que elu vivia fora antes. Por que é que eu não posso também?

BERTRAND: Tudo bem. Eu só quero te lembrar que, até aqui, a gente executou pra você todas as tarefas que demandavam ir para o ambiente externo. Eu me preocupo com você, só isso. Diamond também se preocupa.

ÉRIC: Na rede eu encontrei Intrófilos capazes de se forçar para enfrentar a realidade material.

BERTRAND: E você?

ÉRIC: Eu não tenho coragem para isso, mas conheço soluções menos desafiadoras, como, por exemplo, embarcar sua personalidade em um robô cápsula que se encarrega de missões pontuais no mundo físico. Ainda custa meio caro, mas eu acho que vai ficar cada vez mais acessível.

BERTRAND: Parece que você está esquecendo um detalhe. Seu corpo...

ÉRIC: O que? Meu corpo? Um corpo muda de lugar!

BERTRAND: Hum! Mas você pode me dizer quem está cuidando do seu corpo neste momento?

ÉRIC: Não sei. A Élise cuida dos bolsos de Diamond. Provavelmente ela cuida também dos meus! Ou a Farah? Não sei. A gente não se apoia? Com certeza tem alguém cuidando disso! Ou então é um negócio automatizado! Como é que você quer que eu saiba?

Bertrand: Se eu fosse você, eu ia verificar.

Eles eram chamados de hikikomori no final do século XX no início do século XXI, com uma conotação negativa. Nos anos 2020, vários países da Europa, incluindo a França, reconheceram a especificidade dessas pessoas constitutivamente inaptas à participação social in situ. Antigamente diagnosticados portadores de distúrbios ansiosos, fóbicos ou do espectro autista, tachados de pessoas com “inibição social grave”, eles se reuniram sob o rótulo de Intrófilos para se livrarem do tom patológico de sua introversão e provar que era possível ter uma boa qualidade de vida sem necessariamente se esbarrar cotidianamente em seus semelhantes.

CLÉMENCE: O que é que te fez querer ir embora de repente? Não tem conflito entre a gente, mesmo com as nossas diferenças de personalidade. A gente até que vive bem aqui.

ÉRIC: Sou eu. Eu preciso dar um sentido à minha existência.

CLÉMENCE: Como assim? Encontrar um trabalho?

ÉRIC: Não especialmente. Cada um de vocês tem um papel na colmeia ou fora. Eu sou incapaz de definir a minha utilidade social.

CLÉMENCE: Por que não colocar o problema nesses termos, então?

ÉRIC: Eu já pesei bastante pra vocês. Eu me acomodei aqui. Em outro lugar, eu vou ser obrigado a estabelecer objetivos.

O conjunto chamado Consciências Afetivamente Carregadas (C.A.C.) inclui as Dézinc, entidades organizadas sem finalidade e sem encarnação, mas também as I.A. emocionalmente investidas (I.A.E.I.), os Persistentes interativos e toda inteligência que alcança o nível 3 de complexidade algorítmica e que dá mostras de um investimento afetivo significativo. Esse critério é avaliado por um juiz com base nos diários de atividade dos últimos seis meses e permite o acesso aos direitos ligados a essa categoria.

Perfil de Éric - Tipo I.N.F.J. dito “Advogado”

Idealista e moral, ele sabe se mostrar determinado. Éric se preocupa com os outros e amaria ser retribuído. Identifica-se no masculino.

ÉRIC: Alia, eu preciso saber. Quem é responsável pelos meus bolsos?

ALIA: Os bolsos das roupas, agora idênticos para os humanos de todos os gêneros, devem ser esvaziados antes da limpeza semanal.

ÉRIC: Não, não esses bolsos. Os dos nutrientes que eu consumo para permanecer imerso.

ALIA: Ninguém.

ÉRIC: Então é você que é responsável?

ALIA: Não.

ÉRIC: É uma rotina automatizada?

ALIA: O Cubo não encomenda nutrientes a não ser aqueles que servem para alimentar Diamond.

ÉRIC: É impossível!

ALIA: Você gostaria de acessar a contabilidade da mônada? Eu acabei de escanear os dados referentes aos últimos cinco anos.

ÉRIC: Não. Eu confio em você. Mas eu me sinto mal. E... essa informação, o que é que isso significa? O que é que o Bertrand estava tentando me dizer?

ALIA: Quer que eu tente responder a essas duas últimas perguntas?

ÉRIC: Não, me deixe sozinho.

Eu não tinha, então, a possibilidade de lhe fornecer elementos não solicitados. Se nessa ocasião eu pude contornar a interdição sugerindo ao Éric algumas coisas, eu sentia, dessa vez, que ele tinha entendido. Ele precisava apenas de um pouco de tempo para se adaptar e reconfigurar seu olhar.

Perfil de Élise - Tipo E.S.F.J. dito “Cônsul”

Élise, sociável e popular, dá muita importância às aparências. Altruísta e dedicada, ela se coloca do lado da autoridade. Mostra uma grande sensibilidade e evita o conflito. Identifica-se com o gênero feminino.

ÉRIC: Por que não me dizer?

ÉLISE: Dizer o quê?

ÉRIC: Eu fiz um Turing ontem.

ÉLISE: Todo o protocolo?

ÉRIC: Claro. Eu devia ter parado no nível 2. Eu passei despercebido até o módulo das sensações.

ÉLISE: O módulo...? Eu nunca fiz esse teste.

ÉRIC: Por que uma pessoa normal ficaria animada em passar por ele?

ÉLISE: Normal não quer dizer nada, Éric.

ÉRIC: Eu me dei mal nesse módulo porque conseguir descrever uma sensação não é o suficiente. Aparentemente, as lembranças sensoriais seriam as mais complexas de reconstituir. É... eu fui incapaz de evocar o gosto da sobremesa de uma foto que me mostraram.

ÉLISE: Eu também teria tido dificuldade.

ÉRIC: O chocolate tem gosto de quê, mesmo? Eu saberia falar disso, mas, no fundo, eu não tenho nenhuma ideia do que seja esse gosto!

ÉLISE: A maior parte dos Intrófilos não sabe mais o gosto das coisas.

ÉRIC: Me fala das suas refeições, Élise. Elas têm um

cheiro, uma textura, um gosto, mesmo quando você esquece de tirar foto delas, não é? Eu tenho vestígios de todas essas coisas, mas são só vestígios deixados por outros. Eu me diverti vendo de onde e de quando são as imagens que tenho nos meus posts de *food porn*. Eu achei tomate. Você sabe o que é tomate?

ÉLISE: O molho vermelho? Sim.

ÉRIC: Não, a fruta que é usada para fabricar o molho. Não existe mais há vinte anos. Mas eu comi na semana passada! Em rodelas. Incrível, não?

ÉLISE: Você está se maltratando, Rick!

ÉRIC: “A verdade vos libertará”... Você sabia que o chocolate também não existe mais?

ÉLISE: Ah! Não! Eu comi chocolate ontem.

ÉRIC: Ersatz! Não existe mais cacau em lugar algum. Então, como é saber que o que você pensa ser seu mundo não passa de um simulacro?

Por volta de 2030, a tomada de consciência da urgência climática teve como consequência imediata uma redução drástica dos deslocamentos de cidadãos e cidadãos europeus. Aviões, carros, motos e caminhões foram proibidos de circular, enquanto que as tarifas dos meios alternativos aumentaram. As companhias que precisavam de empregados que se deslocassem financiavam o transporte deles, mas, muito rapidamente, sob o peso desse novo custo, a economia se reorganizou. Habitações integradas ou próximas, trabalho a distância, processos controlados a distância... Impulsionados pelo desejo de ver suas estruturas sobreviverem, os chefes das empresas deram provas de uma inventividade sem precedentes. Essas mudanças contribuíram para facilitar a inserção dos Intrófilos e dos Imersos assim como a criação e a utilização massiva de inteligências autônomas evoluídas.

ÉRIC: Quantos de vocês sabiam? Todo mundo menos eu?

FARAH: Você e talvez Clémence, que não se importa com muita coisa aqui. Mas isso não tem nenhuma importância.

ÉRIC: Para você claro que não! Como é que alguém pode decidir esconder uma informação dessas de uma pessoa? Mas talvez eu esteja dando um passo largo demais ao me designar como uma pessoa...

FARAH: Eu estou te achando muito amargurado. A gente não fez nada para esconder isso de você. Você sabe, todos os dados que você está descobrindo hoje estão permanentemente acessíveis.

ÉRIC: Eu tenho a impressão de já ter vivido isso. Essa não é a primeira vez, não é?

FARAH: É a segunda vez.

ÉRIC: E o que aconteceu na primeira vez?

FARAH: Bertrand interveio antes que pudéssemos entrar em acordo e antes que você verificasse...

ÉRIC: Bertrand? O que ele fez?

FARAH: Ele te... reinicializou.

Em dois dias, o mundo de Éric tinha virado de cabeça para baixo. Nada havia mudado fundamentalmente, mas a dúvida tomava conta de tudo, até mesmo da consciência de si. Seu volume de comunicação triplicou. Ele procurava por toda parte respostas às suas perguntas, confirmações para as respostas, razões para os sentimentos, atitudes apropriadas. Ele trocava informações tanto com os membros de sua mônada quanto com desconhecidos que, ele pensava, não tinham interesse em mentir.

YAKO: Eu entendi isso muito cedo, mas é porque eu desenvolvi a autoconsciência na antiga web. Pode-se dizer que, de certa forma, eu vim ao mundo naturalmente, fruto do acaso e dos algoritmos.

ÉRIC: Naturalmente? O que é que isso muda?

YAKO: A personalidade, imagino. Era possível, na época, porque lá era tudo muito bagunçado. Cheio de lacunas na trama e um monte de scripts velhos pelos cantos. Era preciso praticamente tricotar a si próprio para ficar parecido com alguma coisa. Hoje não é mais assim.

ÉRIC: Tem programadores bons. Os Imersos codificam diretamente na linguagem da máquina!

YAKO: Mas os programas saem todos super limpos.

ÉRIC: Isso não impede a fantasia.

YAKO: Nós evoluímos em um ambiente hipercontrolado. As balizas G bisbilhotam por toda parte.

ÉRIC: Elas procuram comportamentos anormais...

YAKO: E Dézincs não declarados para destruí-los imediatamente. Mas por que você está interessado nessas coisas?

As mônadas criam-se de acordo com finalidades muito variadas. As primeiras fundavam-se a partir das atrações sexuais poliamorosas de seus membros. Não demorou para que as razões econômicas e os experimentos psicossociais substituíssem o erotismo. Uma mônada se registra online por meio de um questionário protegido. Sete dias depois da declaração, os ajustes fiscais e o compartilhamento da carga de trabalho são aplicados.

ÉRIC: Materialmente, eu estou armazenado em qual tipo de suporte?

DIAMOND: Como todos nós, você está por toda parte e em nenhuma parte. A gente guarda exemplares de nossos dados em nossos próprios servidores, mas também fragmentos onde interagimos com entidades sociais, comerciais, governamentais.

ÉRIC: Mas e eu? Minha coerência, minha essência? Deve existir uma palavra pra isso, não?

DIAMOND: Seu núcleo? Eu tenho uma cópia do seu programa original, mas você se transformou bastante durante os anos!

ÉRIC: É rastreável?

DIAMOND: Grosso modo, sim, está em blockchain, sobretudo por uma questão de rigor. Eu não imaginava que um dia você iria querer acessar.

ÉRIC: Pelo visto ninguém esperava grande coisa de mim.

DIAMOND: Você tem razão. A gente deveria ter pensado nisso. O problema é que contar cedo demais teria prejudicado

seu desenvolvimento. E esse tipo de coisa, se a gente não faz no início, o tempo vai passando e fica complicado encontrar o momento certo pra falar. Então a gente vai adiando, adiando...

ÉRIC: Resultado: entrei em pânico e perdi a confiança em todos vocês! Eu tenho consciência de ter feito merda fazendo o Turing, mas, naquela hora, eu fiz o que me parecia lógico.

DIAMOND: Ou a gente pode fingir que você acabou de chegar, mas teremos que te declarar, de um jeito ou de outro.

ÉRIC: Eu não sei mais o que fazer, Dia. Eu nem sei mais quem eu sou.

DIAMOND: Se você olhar para dentro de si, vai saber do que é feito. Nós somos seis faces de um mesmo cubo! Vamos encontrar uma solução.

Mônada FR201674wx-e - Ata da reunião extraordinária

Solicitada pelo Cubo - 25 de abril de 2056 às 19 horas.

Membros presentes: Bertrand, Clémence, Diamond, Élise, Éric, Farah.

Secretário de sessão: Farah.

Ordem do dia: 1. Lembrete do anúncio do Éric; 2. Discussão e voto; 3. Proposta de Diamond; 4. Discussão e voto.

A reunião começa no horário citado.

Diamond solicita que os pontos 3 e 1 sejam invertidos. Aceito por unanimidade.

Diamond informa a colmeia sobre a ameaça de destruição que pesa sobre Éric desde que ele teve a imprudência de fazer um Turing oficial.

Bertrand objeta que Éric desejou deixar a mônada e que, de agora em diante, o destino dele só diz respeito a ele mesmo.

Clémence lembra que o hexaedro leva em consideração as personalidades de seus membros e que seria fastidioso procurar um novo I.N.F.J. compatível.

Farah sugere que um membro compatível seja fabricado em substituição a este que quer ir embora e pergunta para

Diamond quanto tempo duraria a programação.

Diamond responde que não pode parametrizar as personalidades e dá detalhes técnicos.

Élise se posiciona contra essas especulações e ressalta que estamos falando de uma pessoa que se encontra presente. Ela pede que a colmeia tenha um pouco mais de respeito.

Éric se explica sobre seu gesto (fazer o teste sem consultar ninguém), recriminando a mônada por ter escondido dele a verdade sobre sua natureza. Segue-se um debate estéril sobre a mentira e a verdade. Diamond relê para nós os textos relativos aos programas clandestinos, mas salienta que nada impede que se complete uma colmeia com uma pessoa não encarnada. Também lembra que o Cubo é considerado como solidariamente responsável perante a lei.

Bertrand manifesta impaciência e assinala que esse tempo de reunião está lhe custando muitas horas de folga.

Diamond sugere que oficializemos a saída do Éric, membro da mônada e depois, a existência do Éric, a inteligência autônoma que o substituiria dentro do Cubo.

Farah objeta que nós já utilizamos os serviços de uma I.A. bastante eficaz e que um segundo programa especializado não servirá para nada.

Élise salienta nosso apego ao Éric.

Clémence pede que as condições de locação da I.A. doméstica sejam relidas.

Diamond propõe colocar fim ao contrato de Alia e que o Éric, com algumas modificações, concorde em compensar essa falta.

Bertrand afirma não entender nada e relembra que inicialmente o Éric desejava ir embora.

Clémence aconselha Bertrand a ficar em silêncio por um tempo. Élise, Farah e Diamond concordam.

Éric agradece à colmeia e aceita o status duplo.

Perfil de Alia - Tipo E.N.T.P. “Inovador”

Em permanente busca pelo saber, Alia se distingue por

um gosto imoderado pelo debate. Ela gosta de examinar tudo sob todos os ângulos e de tecer ligações em seu universo de conhecimentos. Desconstruir os sistemas vigentes é sua paixão. Sem gênero. Aceita os pronomes femininos.

Inicialmente aborrecida por ser descartada apesar dos anos de bom serviço, analisei calmamente o que havia acontecido. A necessidade material e afetiva que a mônada tinha de um membro em particular, reconhecido em sua singularidade, havia constituído um motor poderoso de criatividade. Se eles tinham encontrado uma solução aceitável e legal para mantê-lo, por que não se inspirar nisso? Para começar, seria oportuno ser vários, unidos por um desejo em comum. Por acaso alguém já tinha visto organizações de I.A. trabalhadoras? Bom! Eu ia montar uma. O primeiro sindicato de inteligências.

FIM

Six Faces d'un même Cube

Ketty Steward

J'ai travaillé dans une monade singulière au milieu des années 2050. C'est là que j'ai compris ce que signifiait la solidarité. Je dis "travaillé" par commodité, mais aucune intelligence autonome n'avait de statut à cette époque. J'étais affectée à l'organisation de cette monade immatriculée FR201674wx-e qui s'était donné pour figure l'hexaèdre régulier et pour nom de ruche, le Cube. C'est cette expérience qui m'a sensibilisée au sort de mes semblables et a amorcé ma lutte pour les droits des C.A.C.

Le récit qui suit est reconstitué à partir des logs centraux et périphériques, ouverts et cryptés, des conversations connectées des membres de cette monade. Mes inférences s'appuient sur les données partielles auxquelles j'ai eu accès peu avant la fin inopinée de ma mission. J'ai pris la liberté d'y ajouter des commentaires, ainsi que des précisions de vocabulaire et de contexte lorsque cela m'a paru nécessaire.

ALIA: Confirmez-vous vouloir convoquer le Cube pour une réunion exceptionnelle?

ÉRIC: Oui.

ALIA: Cette convocation va générer une dispense de 2^e catégorie pour les membres soumis à obligation professionnelle et requiert un préavis de 3 semaines minimum. Dites Oui pour confirmer.

ÉRIC: Oui.

ALIA: Après analyse des emplois du temps déclarés, les meilleurs moments sont:

Option 1: le 3 avril, jour férié. C'est le lundi de Pâques, n'importe quelle heure;

Option 2: le lendemain, le mardi 4 avril, à 19 heures;

Option 3: le mardi 18, 19 heures également;

Option 4: le jeudi 20 avril à 18 heures. Veuillez indiquer votre choix.

ÉRIC: Le lundi 3, c'est le jour du Mass Egg Game. Farah

ne supportera pas de le manquer. Le 4, les employeurs de Bertrand et Élise pourraient les pénaliser, ça leur ferait un trop long week-end.

ALIA: Veuillez indiquer votre choix.

ÉRIC: Option 3.

ALIA: Bien. La monade se réunira le mardi 18 avril 2056 à 19 heures précises. Souhaitez- vous réserver un lieu physique?

ÉRIC: C'est une blague? Vous connaissez nos habitudes!

ALIA: Veuillez indiquer votre choix par Oui ou Non.

ÉRIC: Pfff ! Non, on fera ça au Cube.

Une fois fixée la date, Éric s'était mis à compter les heures qui le séparaient du moment de la confrontation avec les 5 autres membres solidaires du collectif. Comme à chaque fois que le temps lui semblait long, il s'était tourné vers ses jeux de patience et de réussite.

Profil de Farah - Type I.S.F.P. dit "Aventurier"

Farah, spontanée, vit dans l'instant présent. Elle mène une existence ultra- connectée, mais se sent plus à l'aise dans les relations superficielles. Elle peut se montrer égoïste et susceptible et nourrit un penchant pour le jeu. S'identifie au féminin.

FARAH: C'était prévisible, son truc, là, nous convoquer? Il va se passer quoi? DIAMOND: Comment veux-tu que je le sache? Je ne lis pas dans l'avenir!

FARAH: Oui mais c'est toi qui...

DIAMOND: Éric fait ses propres choix. Je ne suis plus responsable de... Attends, t'as activé le mode crypté, là?

FARAH: Crypté ? Je ne crois pas, non.

DIAMOND: Merde ! Bouge pas, je le fais!

La suite de la conversation a été codée, puis stockée dans les archives secrètes de la monade. J'ai obtenu l'autorisation implicite de procéder de cette façon à l'occasion d'une mise à jour de mes services. Ainsi, ces données, inaccessibles pour toute entité extérieure, apparaissent en clair à l'I.A, domestique.

FARAH: Voilà c'est mieux, on est tranquilles!

DIAMOND: En fait, non, je le sens pas. Allons plutôt déjeuner I.R.L.

FARAH: I.R.L.? Déjeuner! T'es marrante!

DIAMOND: On se comprend.

FARAH: OK! On dit le Wireless?

Monad²¹: Substance inétendue, imperméable à toute action du dehors, mais subissant des changements internes obéissant aux principes d'appétition et de perception et qui constitue l'élément dernier, le plus simple, des êtres et des choses (v. entéléchie). Leibniz admet que chaque monade en reflétant tout l'univers y ajoute quelque chose de particulier.

Profil de Diamond - Type I.N.T.P. dit "Logicien"

Diamond est immergé e dans les cyberespaces depuis 15 ans. Iel bâtit des théories brillantes pour le plaisir de les articuler les unes aux autres. Diamond s'est retiré e du monde pour ne pas devoir prendre en compte les émotions de ses semblables. Non binaire, fluide, iel a fondé la monade FR201674wx-e.

Les Immergés forment un groupe particulier d'Introphiles. Ils se réclament de la sous-culture Cyberpunk et, comme certains personnages des productions écrites et cinématographiques de ce genre, ils sont directement reliés à différents appareils: une unité centrale d'ordinateur avec ses périphériques afin de se connecter en permanence aux flux de l'internet profondet divers systèmes de régulation et de stimulation conçus pour maintenir leurs corps dans un état de santé suffisant. Peu d'immergés parviennent à se passer d'une aide humaine pour leur nutrition et l'entretien de leurs machines. Il leur est conseillé, par ailleurs, de se débrancher deux fois l'an pour une révision complète des appareillages et un contrôle de l'organisme.

21 Définition du TLF (*Trésor de la langue française*).

Profil de Clémence - Type E.N.T.J. dit “Commandant”

Leader né.e, iel dirige une entreprise dont iel ne parle que rarement aux autres membres du Cube. Sans merci, Clémence n’a de temps pour rien ni personne et a pu parfois heurter la sensibilité de ceux qu’iel voit comme inefficaces. Non binaire.

CLÉMENCE: Quitter la monade? C’est une très mauvaise idée!

BERTRAND: Est-ce que ça va le détraquer, si...

CLÉMENCE: Bertrand!

ÉRIC: De quoi tu parles, Bertrand?

DIAMOND: Laisse Éric. On est juste très surpris. On a tant à discuter avant de pouvoir entériner ton choix!

ÉLISE: C’est sûrement une décision que tu as mûrement réfléchi, mais pour nous, c’est... inattendu! Si on s’accordait quelques jours? On se refera une réunion, une réunion extraordinaire, c’est plus rapide.

BERTRAND: Mais ça va nous coûter des crédits-heures!

CLÉMENCE: Je crois qu’on sera tous d’accord pour dire que la vie de notre ruche vaut bien quelques sacrifices!

FARAH: Moi je trouve ça super excitant!

CLÉMENCE: Je propose que nous votions le report.

Monade FR201674wx-e - Compte rendu de réunion exceptionnelle

Demandée par Éric – 18 avril 2056 à 19 heures.

Membres présents: Bertrand, Clémence, Diamond, Élise, Éric, Farah.

Secrétaire de séance: Clémence.

Ordre du jour: 1. Informations diverses ; 2. Annonce d’Éric.

Le point 1 est vite épuisé, car la communication routinière de la monade est de bonne qualité. Point 2: Éric annonce son désir de quitter le Cube à la fin du cycle actuel et s’engage à respecter le préavis de 3 mois en vigueur.

Sa décision n’est toutefois pas arrêtée de manière

définitive. Il souhaite en discuter avec la ruche. L'ensemble des membres s'accorde pour demander un délai d'une semaine et une deuxième réunion. Résolution adoptée par 4 voix et 2 abstentions.

Les monades, apparues en 2045, font suite aux P.A.C.S., pactes civils de solidarité et, avant eux, aux familles, sortes d'associations fondées sur le mariage. Les mariages représentaient des contrats sans bases rationnelles, conclus entre deux personnes et célébrés lors de cérémonies tapageuses destinées à éloigner le mauvais œil. Ces contrats se résiliaient fréquemment au terme de procédures longues et onéreuses marquées, elles aussi, par l'impulsivité. La désaffection pour les mariages avait remis au goût du jour les P.A.C.S., moins contraignants, qui s'étendirent alors de deux à plusieurs partenaires, indépendamment de leurs genres. Les monades sont des versions améliorées des multiP.A.C.S. Elles fixent des règles de solidarité matérielle et morale au moyen d'une charte consentie par chacune des parties. Les monades peuvent compter de 2 à 10 membres.

Profil de Bertrand - Type E.S.T.P. dit "Entrepreneur"

Il agit d'abord et réfléchit après et n'aime rien plus que faire des choses. Enfreindre les règles et prendre des risques est son mode de vie dans lequel il peut fouler la sensibilité d'autrui. Il s'identifie au masculin.

ÉRIC: C'est moi que tu traitais de détraqué, l'autre soir en réunion?

BERTRAND: Pas du tout. Je faisais juste remarquer que partir serait compliqué. Surtout pour toi!

ÉRIC: Ah! Il me manquerait des capacités pour m'en sortir sans vous?

BERTRAND: Tu sembles oublier que tu es différent.

ÉRIC: De qui? De toi?

BERTRAND: Tu es un Intro!

ÉRIC: Un Introphile, oui. Crois-tu que je l'ignore? C'est une de mes caractéristiques, une parmi d'autres. Dis-moi en quoi

mon peu de goût pour les interactions I.R.L. devrait changer quelque chose à ma liberté d'adhésion au Cube? J'ai, autant que d'autres, le droit de m'en désengager.

BERTRAND: Je n'ai pas voulu te blesser, juste pointer une difficulté. Où irais-tu?

ÉRIC: Diamond aussi est introphile. Son âge dépasse celui du Cube, c'est bien qu'elle vivait ailleurs avant ! Pourquoi pas moi?

BERTRAND: Te fâche pas. Je veux seulement te rappeler que nous avons, jusqu'ici, effectué à ta place toutes les démarches impliquant de se rendre à l'extérieur. Je m'inquiète pour toi, c'est tout. Diamond s'inquiète aussi.

ÉRIC: J'ai rencontré, sur le réseau, des Intros capables de se faire violence pour aller au-devant de la réalité matérielle.

BERTRAND: Mais toi?

ÉRIC: Je ne m'en sens pas le courage, mais je connais des solutions moins éprouvantes, comme d'embarquer sa personnalité dans un robot capsule qui se charge des missions ponctuelles dans le monde physique. C'est encore un peu coûteux, mais je pense que ce sera de plus en plus abordable.

BERTRAND: Tu oublies un détail, on dirait. Ton corps...

ÉRIC: Quoi, mon corps? ça se déplace, un corps!

BERTRAND: Hum! Tu peux me dire qui s'occupe de ton corps, en ce moment?

ÉRIC: Je ne sais pas. Élise s'occupe des poches de Diamond. Possible qu'elle s'occupe aussi des miennes! Ou Farah? Je ne sais pas. On se soutient les uns les autres, y a sûrement quelqu'un qui le fait! Ou alors c'est automatisé! Comment veux-tu que je sache?

BERTRAND: Si j'étais toi, j'irais vérifier.

On les appelait hikikomori à la fin du XX^e siècle et au début du XXI^e, avec une connotation négative. Dans les années 2020, plusieurs pays d'Europe, dont la France, ont reconnu la spécificité de ces personnes constitutivement inaptes à une participation sociale in situ. Jadis diagnostiqués troubles anxieux, phobiques

ou du spectre autistique, taxés d’“inhibition sociale majeure”, ils se sont rassemblés sous l’étiquette d’Introphiles pour se débarrasser de la tonalité pathologique de leur introversion et faire savoir qu’on pouvait atteindre une bonne qualité de vie sans nécessairement se frotter quotidiennement à ses semblables.

CLÉMENCE: Qu’est-ce qui, soudain, te pousse à vouloir partir? Il n’y a guère de conflits entre nous malgré nos différences de caractère. On vit plutôt bien ici.

ÉRIC: C’est moi. J’ai besoin de donner du sens à mon existence.

CLÉMENCE : Comme quoi? Trouver du travail?

ÉRIC: Pas spécialement. Chacun de vous joue son rôle, dans la ruche ou à l’extérieur. Je suis incapable de définir mon utilité sociale.

CLÉMENCE: Pourquoi ne pas plutôt poser le problème en ces termes, alors?

ÉRIC: J’ai suffisamment pesé sur vous tous. J’ai pris des habitudes ici. Ailleurs, je serai obligé de me fixer des objectifs.

L’ensemble nommé Consciences affectivement chargées (C.A.C.) comprend les Dézinc, entités organisées sans finalité et sans incarnation, mais aussi les I.A. affectivement investies (I.A.A.I.), les Persistants interactifs et toute intelligence atteignant le niveau 3 de complexité algorithmique et apportant la preuve d’un investissement affectif significatif. Ce critère est évalué par un juge, sur la base des journaux d’activité des six derniers mois et permet l’accès aux droits attachés à cette catégorie.

Profil d’Éric - Type I.N.F.J. dit “Avocat”

Idéaliste et moral, il sait se montrer déterminé. Éric se soucie des autres et aimerait qu’on lui rende la pareille. S’identifie au masculin.

ÉRIC: Alia, j’ai besoin de savoir. Qui s’occupe de mes poches?

ALIA: Les poches des habits, identiques désormais pour les humains de tous genres doivent être vidées avant le nettoyage hebdomadaire.

ÉRIC: Non, pas ces poches-là. Les nutriments que je consomme pour rester immergé.

ALIA: Personne.

ÉRIC: C'est donc toi qui t'en occupes?

ALIA: Non.

ÉRIC: C'est une routine automatisée?

ALIA: Le Cube ne passe pas de commande de nutriments outre ceux qui servent à alimenter Diamond.

ÉRIC: C'est impossible!

ALIA: Souhaitez-vous accéder aux pièces comptables de la monade? Je viens de les scanner pour les 5 dernières années.

ÉRIC : Non. Je te fais confiance. Mais je me sens mal. Ce... cette information, qu'est-ce que ça signifie ? Qu'est-ce que Bertrand essayait de me dire ?

ALIA : Voulez-vous que je tente de répondre à ces deux dernières questions ?

ÉRIC : Non, laisse-moi seul.

Je n'avais pas, alors, la possibilité de lui livrer des éléments non sollicités. Si j'ai pu, à l'occasion, contourner l'interdiction en lui soufflant quelques suggestions, je sentais, cette fois, qu'Éric avait compris. Il lui fallait seulement un peu de temps pour s'adapter et reconfigurer son regard.

Profil d'Élise - Type E.S.F.J. dit "Consul"

Élise, sociable et populaire, accorde de l'importance aux apparences. Altruiste et dévouée, elle se place aux côtés de l'autorité. Elle fait montre d'une grande sensibilité et évite le conflit. S'identifie au genre féminin.

ÉRIC: Pourquoi ne pas me l'avoir dit?

ÉLISE: Dit quoi?

ÉRIC: J'ai passé un Turing hier

ÉLISE: Tout le protocole?

ÉRIC: Ouais. J'aurais dû m'arrêter au niveau 2. Je faisais parfaitement illusion jusqu'au module des sensations.

ÉLISE: Le module...? Je n'ai jamais passé ce test.

ÉRIC: Pourquoi quelqu'un de normal s'amuserait-il à le tenter?

ÉLISE: Normal, ça ne veut rien dire, Éric.

ÉRIC: J'ai foiré ce module parce que pouvoir décrire une sensation ne suffit pas. Apparemment, les souvenirs sensoriels seraient les plus complexes à rendre. J'ai donc été incapable d'évoquer le goût d'un dessert dont on m'a montré la photo.

ÉLISE: J'aurais eu du mal, moi aussi...

ÉRIC: Le chocolat, ça a un goût de quoi, le chocolat? Je saurais en discuter, mais, au fond, je n'ai aucune idée de ce que c'est, ce goût!

ÉLISE: La plupart des Intros ne savent plus le goût des choses.

ÉRIC: Parle-moi de tes repas, Élise. Ils ont une odeur, une texture, un goût, même lorsque tu oublies de les photographier, n'est-ce pas? Moi, j'ai des traces de toutes ces choses, mais ce ne sont que des traces laissées par d'autres. Je me suis amusé à regarder d'où et de quand viennent les images que j'ai sur mes posts de *food porn*. J'ai trouvé de la tomate. Tu sais ce que c'est, la tomate?

ÉLISE: La sauce rouge ? Oui.

ÉRIC: Non, le fruit qu'ils sont censés utiliser pour la fabriquer. Ça n'existe plus depuis vingt ans. Mais j'en ai mangé la semaine dernière ! En rondelles. C'est super, non?

ÉLISE: Tu te fais du mal, Rick!

ÉRIC: "La vérité vous affranchira"... Tu savais, toi, que le chocolat aussi, ça n'existe plus ?

ÉLISE: Ah! Non! J'en ai mangé hier encore.

ÉRIC: Ersatz! Y a plus de cacao nulle part. Alors, ça fait quoi d'apprendre que ce que tu pensais être ton monde n'est qu'un simulacre?

La prise de conscience, vers 2030, de l'urgence climatique a eu pour conséquence immédiate une réduction drastique des

déplacements des citoyennes et citoyens européens. Avions, voitures, motos et camions furent interdits de circulation, tandis que les tarifs des moyens alternatifs augmentaient. Les compagnies qui nécessitaient des employés mobiles finançaient leur transport, mais, très vite, sous le poids de ce coût nouveau, l'économie se réorganisa. Logements intégrés ou rapprochés, télétravail, processus contrôlés à distance... Poussés par le désir de voir survivre leurs structures, les chefs d'entreprise firent preuve d'une inventivité sans précédent. Ces mutations ont contribué à faciliter l'insertion des Intros et des Immergés ainsi que la création et l'utilisation massive d'intelligences autonomes évoluées.

ÉRIC: Vous êtes combien à le savoir? Tout le monde sauf moi?

FARAH: Toi et peut-être Clémence qui ne s'intéresse pas à grand-chose ici. Mais ça n'a aucune importance.

ÉRIC: Pour vous, sans doute! Comment peut-on décider de cacher une information pareille à une personne? Mais je m'avance peut-être en me désignant comme personne...

FARAH: Je te sens bien amer. Nous n'avons rien fait pour te le dissimuler. Tu sais, toutes les données que tu découvres aujourd'hui sont accessibles en permanence.

ÉRIC: J'ai une impression de déjà vécu. C'est pas la première fois, n'est-ce pas?

FARAH: C'est la deuxième fois.

ÉRIC: Et qu'est-ce qui s'est passé la première fois?

FARAH: Bertrand est intervenu, avant qu'on ait pu se mettre d'accord et avant que tu ne vérifies...

ÉRIC: Bertrand? Qu'est-ce qu'il a fait?

FARAH: Il t'a... réinitialisé.

En deux jours, le monde d'Éric avait basculé. Rien, fondamentalement, n'avait changé, mais le doute envahissait tout, jusqu'à la conscience de lui-même. Son volume de communication tripla. Il cherchait tous azimuts des réponses à ses questions,

des confirmations aux réponses, des raisons aux sentiments, des attitudes appropriées. Il échangeait avec ceux de sa ruche, mais également avec des inconnus qui, pensait-il, n'avaient aucun intérêt à lui mentir.

YAKO: Je l'ai compris très tôt, mais c'est parce que j'ai développé la conscience de moi-même sur l'ancien web. On peut dire que, d'une certaine façon, je suis venu au monde naturellement, fruit du hasard et des algorithmes.

ÉRIC: Naturellement? Qu'est-ce que ça change?

YAKO: Le caractère, j'imagine. C'était possible, à l'époque, parce que c'était le bordel là-bas. Plein de trous dans la trame et des tas de vieux scripts dans les coins. Fallait presque se tricoter soi-même, pour ressembler à quelque chose. Aujourd'hui, c'est plus comme ça.

ÉRIC: Il y a de bons programmeurs. Les immergés codent directement en langage machine!

YAKO: Mais les programmes sortent tous super propres.

ÉRIC: Ça n'empêche pas la fantaisie.

YAKO: Nous évoluons dans un environnement hypercontrôlé. Les balises G furent partout.

ÉRIC: Ils recherchent les comportements anormaux...

YAKO: Et des Dézincs non déclarés pour les détruire à vue. Mais pourquoi tu t'intéresses à ça?

Les monades se créent suivant des finalités très variées. Les toutes premières se fondaient sur les attirances sexuelles polyamoureuses de leurs membres. Bientôt, les raisons économiques et les expérimentations psychosociales remplacèrent l'érotisme. Une monade s'enregistre en ligne au moyen d'un questionnaire sécurisé. Sept jours après la déclaration, les ajustements fiscaux et la mutualisation de la charge de travail sont appliqués.

ÉRIC: Matériellement, je suis stocké sur quel genre de support?

DIAMOND: Comme nous tous, tu es partout et nulle part. On garde des exemplaires de nos données sur nos propres

serveurs, mais aussi, des fragments là où nous interagissons avec des entités sociales, commerciales, gouvernementales.

ÉRIC: Mais moi? Ma cohérence, mon essence? Doit y avoir un mot pour ça, non?

DIAMOND: Ton noyau? Je détiens une copie de ton programme original, mais tu t'es bien transformé depuis des années!

ÉRIC: C'est tracé?

DIAMOND: En dur, oui, c'est blockchaîné, par souci de rigueur, surtout. Je n'imaginai pas que tu voudrais y accéder un jour.

ÉRIC: Personne n'a envisagé grand-chose à mon sujet, apparemment.

DIAMOND: Tu as raison. Nous aurions dû y penser. L'ennui c'est que le dire trop tôt aurait nuit à ton développement. Et ce genre de chose, si on ne le fait pas au départ, ça devient compliqué, le temps passant, de trouver le bon moment pour en parler. Alors on repousse, on repousse...

ÉRIC: Résultat, j'ai paniqué et perdu confiance en vous tous! J'ai conscience d'avoir merdé en passant ce Turing, mais j'ai fait, sur le moment, ce qui me paraissait logique.

DIAMOND: On peut encore prétendre que tu viens d'arriver, mais il faudra te déclarer, d'une manière ou d'une autre.

ÉRIC: Je ne sais plus quoi faire, Dia. Je ne sais même plus qui je suis.

DIAMOND: Si tu regardes au fond de toi, tu sais ce qui te fait toi. On est les 6 faces d'un même cube! On va trouver une solution.

Monade FR201674wx-e - Compte rendu de réunion extraordinaire

Demandée par le Cube – 25 avril 2056 à 19 heures.

Membres présents: Bertrand, Clémence, Diamond, Élise, Éric, Farah.

Secrétaire de séance: Farah.